


**MULHERES NÃO DEVEM SORRISOS: ARTE URBANA FEMINISTA E O DISCURSO  
DAS EMOÇÕES**

**WOMEN DON'T OWE YOU A SMILE: FEMINIST URBAN ART AND THE  
DISCOURSE OF EMOTIONS**

**LAS MUJERES NO TE DEBEN UNA SONRISA: ARTE URBANO FEMINISTA Y EL  
DISCURSO DE LAS EMOCIONES**

Marielen Baldissera<sup>1</sup>

 10.21665/2318-3888.v8n15p68-99

**RESUMO**

Neste artigo analiso o trabalho de duas artistas que produzem arte urbana relacionada a questões de gênero e que tem como ponto de partida situações de violência. São elas Panmela Castro (Brasil) e Tatyana Fazlalizadeh (EUA). É objeto de reflexão o modo como algumas emoções, como raiva e medo, aparece em seus discursos e de que maneira se entrelaçam com o fato de elas serem mulheres negras que ocupam o espaço público politicamente. As divisões dicotômicas mulher/emoção/espaço privado e homem/razão/espaço público são abordadas e, também, sua utilização como instrumentos de dominação. Existe o consenso ocidental de que mulheres são naturalmente mais emotivas e suscetíveis ao descontrole do que os homens. Sendo assim, investigo a abordagem que a antropologia desenvolve a partir da micropolítica das emoções, que, nos casos analisados, aparecem como potência para alterar a dimensão macrossocial. Investigo em que local os feminismos e as artistas feministas colocam a raiva em seus discursos antissexistas e antirracistas e, como a utilizam como combustível para agir de forma política e militante, criando peças de arte e protesto. Elas partem de experiências pessoais e provocam reações coletivas e individuais, gerando incômodo e reflexão em um mundo de verdades estabelecidas masculinas e brancas. Realizei esta pesquisa por meio de consulta de material disponível online, acessando entrevistas, vídeos, fotografias e o conteúdo dos sites oficiais das artistas.

**Palavras-chave:** Feminismo. Arte urbana. Artistas mulheres. Emoções. Política.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), bolsista CAPES. Mestra em Artes Visuais na linha de Poéticas Visuais e Bacharela em Artes Visuais pela UFRGS. E-mail: marielen.baldissera@gmail.com.

## ABSTRACT

In this article I analyze the work of two artists who produce urban art related to gender issues and situations of violence. They are Panmela Castro (Brazil) and Tatyana Fazlalizadeh (USA), black women who occupy the public space politically. Some emotions, such as anger and fear, appear in their speeches and this is an object of reflection in this research. The dichotomous divisions woman/emotion/private space and man/reason/public space are addressed, as well as their use as instruments of domination. There is a Western conviction that women are naturally prone to have a lack of emotional control and are more susceptible than men. Therefore, I investigate the approach that anthropology develops from the micropolitics of emotions, which, in the cases analyzed, appear as a power to change the macrosocial dimension. I investigate where feminisms and feminist artists place anger in their anti-sexist and anti-racist speeches and how they use it as fuel to act in a political and militant way, creating pieces of art and protest. They start from personal experiences and provoke collective and individual reactions, causing discomfort and reflection. I conducted this research by consulting material available online, accessing interviews, videos, photographs and the content of the artists' official websites.

**Keywords:** Feminism. Urban art. Women artists. Emotions. Politics.

## RESUMEN

En este artículo analizo el trabajo de dos artistas que producen arte urbano relacionada con cuestiones de género y cuyo punto de partida son situaciones de violencia. Son ellas: Panmela Castro (Brasil) y Tatyana Fazlalizadeh (Estados Unidos). Es un objeto de reflexión cómo algunas emociones, como la ira y el miedo, aparecen en sus discursos y cómo se entrelazan con el hecho de que son mujeres negras que ocupan el espacio público políticamente. Se abordan las divisiones dicotómicas mujer / emoción / espacio privado y hombre / razón / espacio público, así como su uso como instrumentos de dominación. Existe un consenso occidental de que las mujeres son naturalmente más emocionales y susceptibles a la falta de control que los hombres. Por lo tanto, investigo el enfoque que la antropología desarrolla a partir de la micropolítica de las emociones, que, en los casos analizados, aparecen como un poder para cambiar la dimensión macrosocial. Investigo dónde los feminismos y las artistas feministas ponen ira en sus discursos antisexualistas y antirracistas y cómo la usan como combustible para actuar de una manera política y militante, creando obras de arte y de protestas. Las artistas estudiadas parten de experiencias personales y provocan reacciones colectivas e individuales, causando incomodidad y reflexión en un mundo de verdades masculinas y blancas. Realicé esta investigación consultando material disponible en línea, accediendo a entrevistas, videos, fotografías y al contenido de los sitios web oficiales de los artistas.

**Palabras clave:** Feminismo. Arte urbana. Mujeres artistas. Emociones. Política.

## Introdução

Ao voltar para sua casa a pé e sozinha, durante a noite, Nola Darling é abordada por um homem que a chama de “sexy”, após as negativas dela em falar com o sujeito, ele a agarra pelo braço. Ela consegue fugir correndo, enquanto ele grita “Eu não quero essa xoxota fedida mesmo, negra vadia filha da puta!”. Após viver essa situação traumática, Nola, que é artista, resolve realizar intervenções nas ruas da cidade com lambes<sup>2</sup>. Neles, ela imprime fotos de mulheres em preto e branco e faz uma composição com frases escritas em vermelho (Fig. 1), citadas por ela:

Meu nome não é Pedaco de Mau Caminho. Meu nome não é Linda. Meu nome não é Gracinha. Meu nome não é Pssst Gata. Meu nome não é Mamacita. Meu nome não é Docinho. Meu nome não é Ei, Madame. Meu nome não é Gostosa. Meu nome não é Boazuda. Meu nome não é Meu Bem. Meu nome não é Querida. E meu nome definitivamente não é Negra Vadia Filha da Puta!<sup>3</sup>.

Nola Darling é uma personagem fictícia interpretada pela atriz DeWanda Wise no seriado “Ela Quer Tudo” produzido pela Netflix<sup>4</sup> e dirigida por Spike Lee. Mesmo ao se enquadrar na categoria de ficção, a história de Nola está relacionada com a de muitas artistas de rua que realizam trabalhos de cunho feminista. O trabalho *My name isn't* de Nola nasce da reação a uma violência que ela sofreu por ser mulher e estar circulando em um espaço público desacompanhada de um homem. Ao sofrer essa violência, ela externaliza uma série de emoções, que vão se desenvolvendo com o decorrer do seriado (o acontecimento narrado acima se passa no primeiro episódio de um total de dez). Emoções como medo e vergonha são as primeiras a serem abordadas, logo surge a raiva, que age como um combustível para a criação das peças de arte e protesto.

---

2 Técnica de arte de rua, intervenção urbana realizada com cartazes que são colados no ambiente urbano.

3 Tradução das legendas realizada por Ticiania Massi Grenga, para Netflix. Citação original: “My name isn't Dime Piece. My name isn't Boo. My name isn't Baby Gurl. My name isn't Pssst Shawty. My name isn't Mamacita. My name isn't Sweetie. My name isn't Ay Yo Ma. My name isn't Sexy. My name isn't Hoochie Mama. My name isn't Honey. My name isn't Sweetheart. And my name deffinitely ain't no Muthafuckin' Black Bitch”.

Todas as próximas traduções de citações originalmente em língua estrangeira são da autora do artigo.

4 Empresa provedora de serviços de mídia que oferece biblioteca online com filmes e programas de televisão por assinatura.

**Figura 1** – *My name isn't*. Um dos cartazes feitos por Nola Darling no seriado Ela Quer Tudo.



**Fonte:** <http://thepowerofblackwomen.tumblr.com/post/168021310618/my-name-isnt-art-by-tatyana-fazlalizadeh>

Inspirada nessa narrativa pretendo analisar de que maneira algumas emoções são articuladas no discurso de duas artistas<sup>5</sup> que produzem trabalhos de arte urbana relacionado a questões de gênero e que tem como ponto de partida situações de violência. Quais são as emoções citadas por elas? De que maneira elas aparecem em suas falas, em seus trabalhos de arte e nas reações do público? Como o fato de serem mulheres negras que ocupam o espaço público está entrelaçado com essas emoções? Para me aproximar de algumas respostas tomo como ponto de partida o consenso usual de que mulheres são mais emotivas por natureza e investigo a abordagem que a Antropologia das Emoções desenvolve sobre este assunto. Para, posteriormente, poder

---

5 Tatyana Fazlalizadeh e Panmela Castro.

encarar em que local o feminismo e as artistas feministas colocam estas emoções em seus discursos antissexistas e antirracistas.

### **1. Mulheres, emoções e feminismo**

Por muito tempo as emoções estiveram excluídas do campo de estudos das ciências sociais, seriam um assunto de menor importância e pertencentes a uma esfera oposta a do pensamento e produção teórica acadêmica. Segundo David Le Breton (2009, p. 114), “o senso comum assimila facilmente a emoção com a emersão na irracionalidade, com a falta de autocontrole, com a experiência de uma sensibilidade exacerbada. A emoção seria, portanto, o fracasso da vontade, um descontrole; [...]”. Este cenário inicial já se modificou muito e continua se desenvolvendo com a criação de nichos específicos em diferentes áreas do saber para que as emoções sejam estudadas como um assunto digno de ser tratado com seriedade. Em nossa área, temos o campo da Antropologia das Emoções, com nomes importantes de antropólogas e pesquisadoras, como, por exemplo, Michelle Z. Rosaldo e Catherine Lutz.

Segundo Rosaldo (1997, p. 143), “sentimentos não são substâncias a serem descobertas em nosso sangue, mas práticas sociais organizadas por histórias que nós encenamos e contamos. Eles são estruturados por nossas formas de compreensão”<sup>6</sup>. Os afetos estão sempre carregados de informações culturais em que os seus atores estão envolvidos. O que sentimos não independe do mundo social, mas faz parte da experiência de viver em um ambiente repleto de significados, imagens e laços sociais, com os quais as pessoas estão envolvidas (p. 138). Costumamos sentir as emoções de forma corporal, com sensações físicas. Rosaldo (p. 143) coloca que os afetos seriam pensamentos corporificados (*embodied thoughts*) que surgem quando estamos envolvidas com alguma situação específica. Esse envolvimento pode ser negativo ou positivo, profundo ou superficial, mas é necessário que a pessoa, o evento ou a condição presente no ato

---

6 “Feelings are not substances to be discovered in our blood but social practices organized by stories that we both enact and tell. They are structured by our forms of understanding.”

emocional importem para o ator que está corporificando a emoção (BARBALET, 2002, p. 1).

No sentido de ser algo corporificado, é importante pensar qual é o corpo que está em jogo, quais as suas características, seu gênero, sua cor, sua localização geopolítica, etc. Segundo a autora feminista decolonial<sup>7</sup> María Lugones, com a colonização das Américas, criou-se uma distinção hierárquica entre humanos e não humanos:

Essa distinção tornou-se a marca do humano e a marca da civilização. Só os civilizados são homens ou mulheres. Os povos indígenas das Américas e os/as africanos/as escravizados/as eram classificados/as como espécies não humanas – como animais, incontrolavelmente sexuais e selvagens. O homem europeu, burguês, colonial moderno tornou-se um sujeito/ agente, apto a decidir, para a vida pública e o governo, um ser de civilização, heterossexual, cristão, um ser de mente e razão (2014, p. 936).

Devido à identificação das emoções com o “natural” no mundo ocidental, o discurso emocional aparece como um dos mais poderosos meios pelos quais a dominação age (LUTZ, 1990, p. 77). Sara Ahmed (2004, p. 170), escritora feminista e pesquisadora independente, mostra como as emoções podem ser e já foram muito utilizadas como instrumento de dominação sobre os corpos que são diferentes do hegemônico masculino e branco: “podemos ver aqui que a política cultural da emoção está profundamente ligada às histórias generificadas do imperialismo e do capitalismo, nas quais a violência contra os corpos das mulheres subalternas é garantida e tomada como certa na criação de mundos”<sup>8</sup>.

A forma como as emoções foram subordinadas em um sentido acadêmico e teórico também serviu para subordinar as mulheres: “as emoções estão associadas às mulheres, que são representadas como ‘mais próximas’ da natureza, governadas pelo desejo e

---

7 O feminismo decolonial aborda as consequências da colonização levando em consideração as questões de gênero, raça, desigualdade social, seus aspectos materiais, econômicos, políticos. Gênero é considerado como uma das formas de opressão colonial e se revoga a necessidade de questionar os padrões eurocêntricos, heteronormativos e do homem branco. Assim, mulheres racializadas (negras, latinas, indígenas, asiáticas, africanas...) constroem uma nova história a partir da visão de quem foi colonizado e continua a ser em diversos aspectos. Relacionado ao campo de pesquisa do pós-colonialismo, que aborda os “[...] efeitos do colonialismo ocidental nas atuais instituições econômicas e políticas e à persistência de práticas neocoloniais ou imperiais no mundo moderno. Reexamina a história das pessoas subjugadas por formas de imperialismo e analisa a relação de poder entre colonizador e colonizado nas esferas cultural, social e política.” (MCCANN, 2019, p. 220)

8 “We can see here that the cultural politics of emotion is deeply bound up with gendered histories of imperialism and capitalism, in which violence against the bodies of subaltern women is both granted and taken for granted in the making of worlds.”

menos capazes de transcender o corpo através do pensamento, da decisão e do julgamento<sup>9</sup>” (AHMED, 2004, p. 3). O senso comum mencionado anteriormente, que classifica as emoções como reações irracionais e derivadas de um descontrole, persiste de diversas formas e, como argumenta Lutz (1990, p. 69), está sempre relacionado a questões de gênero:

Um aspecto importante dessa categoria é sua associação com a mulher, de modo que as qualidades que definem o emocional também definem as mulheres. Por essa razão, qualquer discurso sobre emoção é também, pelo menos implicitamente, um discurso sobre gênero. Tanto como um conceito analítico quanto cotidiano no Ocidente, a emoção, como a mulher, tem sido vista tipicamente como algo mais natural do que cultural, irracional do que racional, caótica e não ordenada, mais subjetiva do que universal, física do que mental ou intelectual, não intencional e incontrolável e, portanto, muitas vezes perigosa. Essa rede de associações coloca a emoção em desvantagem a processos pessoais mais valorizados - particularmente com a cognição ou o pensamento racional, e a mulher com uma relação desigual com o outro masculino.<sup>10</sup>

Assim, os grupos sociais menos favorecidos e invisibilizados (mulheres negras, latinas, indígenas, imigrantes, etc.) que se utilizam de discursos emocionais para lutar por suas causas são descreditados por sua suposta ligação com o irracional. Segundo Ahmed (2004, p. 170), é construído um sistema que se “[...] traduz claramente em uma hierarquia entre sujeitos: enquanto pensamento e razão são identificados com o sujeito masculino e ocidental, emoções e corpos são associados com feminilidade e outros sujeitos racializados<sup>11</sup>.” As feministas que discursam contra as verdades estabelecidas, frequentemente são colocadas como hostis e emocionais, no mau sentido da palavra, principalmente se estas forem negras. Segundo a socióloga Patricia Hill Collins, (2016, p. 105), são elas<sup>12</sup> que carregam “O *status* de ser o ‘outro’”, um outro negativo em

9 “Emotions are associated with women, who are represented as ‘closer’ to nature, ruled by appetite, and less able to transcend the body through thought, will and judgement.”

10 “One important aspect of that category is its association with the female, so that qualities that define the emotional also define women. For this reason, any discourse on emotion is also, at least implicitly, a discourse on gender. As both an analytic and an everyday concept in the West, emotion, like the female, has typically been viewed as something natural rather than cultural, irrational rather than rational, chaotic rather than ordered, subjective rather than universal, physical rather than mental or intellectual, unintended and uncontrollable, and hence often dangerous. This network of associations sets emotion in disadvantaged contrast to more valued personal processes/ particularly to cognition or rational thought, and the female in deficient relation to her male other.”

11 “[...] clearly translates into a hierarchy between subjects: whilst thought and reason are identified with the masculine and Western subject, emotions and bodies are associated with femininity and racial others.”

12 Escrevo sobre as mulheres negras na terceira pessoa, pois sou uma mulher branca.

relação ao positivo masculino e branco. A relação criada entre mulheres e emoções, para distanciá-las do mundo racional masculino, tem um peso muito maior para as mulheres racializadas, que tem de lidar com os estereótipos conectados à sexualidade exacerbada e à irracionalidade. Para elas, a ligação com a natureza e o incontrolável seria muito maior que a das mulheres brancas, como afirma a teórica feminista e ativista social bell hooks<sup>13</sup> (1995, p. 469):

A imagem de natureza que se tornou importante no início do período moderno era a de um reino desregrado e caótico a ser submetido e governado, associava-se a mulher a natureza selvagem e incontrolável. As imagens da natureza e da mulher eram igualmente ambíguas. A ninfa virgem oferecia paz e serenidade e a mãe terra nutrição e fertilidade, mas a natureza também trazia pragas fome e tempestades. [...] A mulher desregrada como a natureza caótica precisava ser controlada. Entre os grupos de mulheres assassinadas como bruxas na sociedade colonial americana as negras têm sido historicamente vistas como encarnação de uma perigosa natureza feminina que deve ser governada. Mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade as negras têm sido consideradas só corpo sem mente. A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradadas deviam ser controladas.

As virgens e as bruxas mencionadas por hooks servem para exemplificar como a construção cultural da emotividade feminina está imbuída de contradições: a mulher pode ser caracterizada como fraca, mas também como extremamente poderosa (LUTZ, 1990, p. 77). Esse lado “poderoso” da contradição pode ser visto como algo positivo e, de certa forma, em algumas vertentes do movimento feminista<sup>14</sup> há a apropriação e ressignificação das emoções que foram relegadas às mulheres. A partir da máxima “o pessoal é político”, as vivências individuais das mulheres puderam ser lidas como coletivas e, as emoções envolvidas nas experiências tipicamente femininas também passaram a assumir um novo patamar e uma nova denominação, como explana a historiadora de arte Jayne Wark (2006, p. 25):

O elemento-chave desse novo movimento de mulheres foi a formação de grupos que ofereciam oportunidades para discutir questões “pessoais” que eram vistas como irrelevantes para o discurso público e político e, portanto, proibidas. Mas quando as mulheres compartilharam histórias sobre estupro, aborto, sexualidade, papéis socialmente prescritos e subordinação feminina,

---

13 bell hooks assina com letra minúscula para desafiar as convenções linguísticas e acadêmicas, desse modo dela pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa.

14 Lembrando que não existe apenas um feminismo, mas, sim, várias correntes feministas, como por exemplo, o feminismo negro, o feminismo interseccional, o transfeminismo, o feminismo radical, o feminismo liberal e outras vertentes.



começaram a entender seu descontentamento e raiva como fundamentalmente políticos.<sup>15</sup>

A partir da luta contra a subordinação, as feministas começaram a ir contra os padrões impostos de feminilidade e docilidade e iniciaram um movimento de valorização das emoções consideradas negativas e não femininas, como a raiva. Segundo Lutz (2002, p. 104), “[...] feministas também se concentraram na raiva como a única emoção isenta dessa associação de gênero, usando-a como um índice chave de quando ou em que contextos as mulheres podem fazer reivindicações por respeito”<sup>16</sup>. Assim, a raiva utilizada no feminismo envolve uma releitura do mundo, em que as hierarquias de gênero estão implicadas em diversas formas de relações de poder, como raça, classe, sexualidade e, em como as normas de gênero regulam corpos e espaços (AHMED, 2004, p. 175). Mas, a raiva quando posta como um sentimento utilizado pelas mulheres para expressar seus descontentamentos, não costuma ter uma boa aceitação. Ainda mais se essa mulher for negra, como narra a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2015, p. 23):

Não faz muito tempo, escrevi um artigo sobre o que significa ser uma jovem mulher em Lagos. Um conhecido disse que havia muita raiva no texto, que eu não deveria ter me expressado com tanta raiva. Mas eu não via razão para me desculpar. É claro que eu estava com raiva. A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. [...] Percebi cautela no tom do sujeito, e sabia que seu comentário sobre a minha raiva tinha a ver não só com o artigo, mas também com minha personalidade. A raiva, o tom dele dizia, não cai bem em mulheres. Uma mulher não deve expressar raiva, porque a raiva ameaça.

Segundo Winnie Bueno, escritora e ativista dos movimentos sociais negro e feminista, o mito da agressividade da mulher negra é algo com que ela tem de lidar constantemente em seu dia a dia. Para ela, “a agressividade se apresenta como uma deslegitimação. Ao atribuir ‘agressividade’ a fala de uma mulher negra, você a desumaniza. É uma estratégia sexista caracterizar mulheres dessa forma”. Ela continua colocando que “a raiva, nesse

---

15 “The key element of this new women’s movement was the formation of groups that provided opportunities to discuss “personal” issues that were seen as irrelevant to, and thus prohibited from, public and political discourse. But as women shared stories about rape, abortion, sexuality, socially prescribed roles, and female subordination, they began to understand their discontent and anger as fundamentally political”.

16 “[...] feminists have also homed in on anger as the one emotion exempted from this gender association, using it as a key index of when or in what contexts women can make claims for respect”.

discurso, exerce o papel de desvalorização das potencialidades dessas mulheres porque ela vem acompanhada de uma ideia de ausência de autocontrole” e já vimos quais as mulheres que precisam ser mais controladas. Segundo Bueno, as pessoas costumam dizer que tem medo dela, e ela entende este sentimento como um medo branco, seria:

o medo de uma sociedade em que as mulheres negras como um todo sejam capazes de articular mudanças a partir de suas raivas. Logo, ao imprimir essa ideia de agressividade nessas mulheres, como uma característica depreciativa, a sociedade não permite que se fomente consciências que sejam capazes de mobilizar a totalidade das raivas das mulheres negras para subverter a ordem. Porque temos raivas sociais. Temos raiva do número de mulheres negras que morre em razão do racismo, temos raiva da falta de acesso a educação para o povo negro, temos raiva dos estereótipos violentos sobre os nossos corpos, temos raiva de ter nossas potencialidades limitadas por construções sociais excludentes. Nossas raivas são genuínas e catalisadoras de mudanças tamanhas que são capazes de alterar profundamente a ordem das coisas. Portanto, são deslegitimadas por essa imagem tacanha de uma agressividade sem razão.

Podemos relacionar a origem das “raivas sociais” mencionadas por Bueno com o pensamento de Ahmed (2004, p. 172), que indica não ser possível considerar as relações do feminismo com a raiva sem refletir sobre a dor e a violência. Os relatos de mulheres sobre experiências violentas que resultaram em muita dor (física e emocional) são cruciais para o entendimento da violência como algo estrutural e não acidental. O reconhecimento da existência de uma estrutura de opressão colabora para que as mulheres se reconheçam de forma coletiva e se mobilizem politicamente por justiça e reparação.

Existem diversas formas de mobilização política, uma delas é a arte – no caso deste artigo, a arte urbana. Segundo Le Breton (2009, p. 120), as emoções “[...] não são espontâneas, mas ritualmente organizadas. Reconhecidas em si e exibidas aos outros, elas mobilizam vocabulário e discursos: elas provêm da comunicação social”. Do mesmo modo que as emoções são oriundas da comunicação social, elas podem ser usadas para gerar novas comunicações, que despertam novos sentimentos, em uma cadeia crescente.

Audre Lorde, escritora que fazia questão de se identificar como negra, lésbica, poeta e mãe, considerava a raiva como uma reação apropriada às atitudes racistas e uma força motriz para demolir o passado, mas sempre tomando o cuidado para não se transformar em algo apenas destrutivo. Para ela, essa rede de emoções era como “[...] uma fonte

termal fervente que pode entrar em erupção a qualquer momento, saindo da minha consciência como um incêndio na paisagem. Como treinar essa raiva com precisão, em vez de negar, tem sido uma das principais tarefas da minha vida<sup>17</sup>” (2007, n/p). Uma das maneiras de Lorde “treinar” essa raiva era a transformando em poesias, em escritas extremamente potentes.

Sendo assim, analisarei o trabalho das artistas Tatyana Fazlalizadeh e Panmela Castro, que dão um destino artístico para as emoções resultantes de acontecimentos traumáticos. Elas se referem a violências que ocorrem especificamente com mulheres, justamente pelo fato de elas serem mulheres (negras, latinas, imigrantes). As artistas pesquisadas utilizam a arte urbana para se comunicar (principalmente com outras mulheres) e agir de forma política e militante contra o sexismo, o racismo e a xenofobia.

## 2. Emoções nos trabalhos de Tatyana Fazlalizadeh e Panmela Castro

No seriado “Ela quer tudo”, as emoções de Nola após ter sofrido um assédio na rua são trazidas à tona, analisadas pela própria personagem e também por outras que fazem parte de seu círculo social, como a sua terapeuta e a dona da galeria de arte onde ela expõe seus trabalhos. Em uma cena no consultório de terapia, acontece um diálogo sobre os sentimentos acionados pelo trauma, como a raiva:

Psicóloga: É natural sentir raiva. Você foi atacada. Não apenas uma vez, mas duas vezes. Primeiro seu corpo, depois sua arte. O que aconteceu com você é inaceitável e não é sua culpa.

Nola: Eu me sinto violada. Ansiosa, querendo me esconder [...].

A referência à segunda vez que Nola foi atacada remete ao atropelo<sup>18</sup> e vandalização do seu trabalho na rua, em que alguém<sup>19</sup> fez intervenções em seus cartazes, escrevendo palavras depreciativas para mulheres, como “vadia” (*s/ut*), por cima dos lambes (Fig. 2).

---

17 “[...] a boiling hot spring likely to erupt at any point, leaping out of my consciousness like a fire on the landscape. How to train that anger with accuracy rather than deny it has been one of the major tasks of my life”.

18 “Atropelo é uma das regras no mundo da pichação. Não atropelar o ‘picho’ dos outros significa não pintar por cima e isto se estende aos desenhos de grafite.” (SILVA, 2008, p. 99).

19 Alerta de *spoiler*: no final da série descobrimos que a pessoa que estava atropelando os trabalhos de Nola era um homem branco.

Desta forma, o assédio teria acontecido mais de uma vez. Em outra cena, a galerista divulga em redes sociais online que o trabalho *My name isn't* seria da autoria de Nola, apesar de a artista deixar claro que gostaria de manter o anonimato quanto a este projeto, pois era muito diferente de suas pinturas expostas na galeria. Nola fica visivelmente descontente com essa atitude e elas discutem:

Galerista: Quero entender por que você está com raiva agora.

Nola: É uma série de trabalho. É sobre a agressão! Não me representa!

Galerista: Gostando ou não, a adversidade está a seu favor. Ela traz o que você tem de melhor. E esse é o seu melhor trabalho. É tão forte, determinado, assumidamente feminista, e destemidamente antimisógeno.

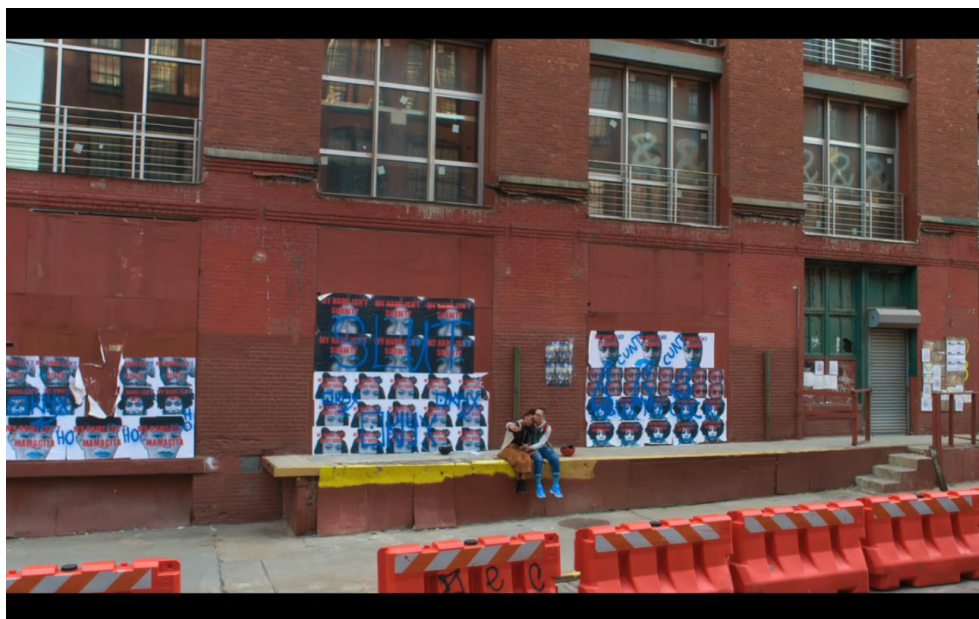
A fala da galerista vai ao encontro do consenso popular de que sentimentos provenientes de experiências adversas podem ser bons combustíveis para a criação artística. Nesse momento, Nola estava relutante em assumir o trabalho que surgiu de uma agressão como sendo seu, mesmo que ele estivesse fazendo muito sucesso nas redes sociais, por ter conseguido engajamento das mulheres que se identificaram com os cartazes. Segundo Ahmed (2004, p. 175):

Crucialmente, a raiva não é simplesmente definida em relação a um passado, mas como abertura para um futuro. Em outras palavras, ser contra algo não termina com "aquilo contra o qual alguém é contra". A raiva não se torna necessariamente "presa" em seu objeto, embora esse objeto possa permanecer pegajoso e atraente. Ser contra algo também é ser a favor de algo [...] <sup>20</sup>.

---

20 "Crucially, anger is not simply defined in relationship to a past, but as opening up the future. In other words, being against something does not end with 'that which one is against'. Anger does not necessarily become 'stuck' on its object, although that object may remain sticky and compelling. Being against something is also being for something [...]".

**Figura 2** – Nola e Mars em frente aos seus lambes vandalizados com as palavras “*Slut*” e “*Cunt*”.



**Fonte:** Captura de tela de cena da série na plataforma <https://www.netflix.com/>

Podemos assumir que, com os fatos apresentados, Nola utilizou sua raiva para criar algo novo, não ficou presa e parada nesse sentimento, mas ainda não havia feito o movimento de se identificar publicamente com o trabalho e ser abertamente “contra algo” e “a favor de algo”. Esse não é o caso da verdadeira criadora de *My name isn't*, que é uma artista assumidamente ativista, com uma produção engajada politicamente. As obras de arte apresentadas em “Ela quer tudo” são inspiradas na produção da artista norte-americana Tatyana Fazlalizadeh, que foi convidada para atuar como consultora de arte do seriado e criou as pinturas e intervenções urbanas que foram apresentadas como sendo de Nola Darling.

Tatyana Fazlalizadeh é uma artista visual natural da cidade de Oklahoma, nascida em 1985, ela tem ascendência negra e iraniana, e utiliza seu trabalho para falar sobre experiências de opressão que pessoas em situações marginalizadas vivem. Suas criações consistem em retratos que habitam as ruas das cidades e, também, as galerias de arte. O projeto de arte que inspirou *My name isn't* na ficção, na realidade se chama *Stop Telling Women to Smile* (Fig. 3), ele consiste em uma série de retratos de mulheres com quem

a artista conversou sobre experiências de assédio. Os retratos são transformados em pôsteres em que uma frase retirada do diálogo sobre a experiência dessas mulheres é incluída. Tatyana começou a realizá-lo em 2012, como algo experimental, e segue até os dias de hoje, como um projeto em andamento. Ela viaja para outros locais, tanto nos EUA como no exterior, para conversar com novas mulheres e produzir novas peças. A artista fala que, com essa ação, pega emprestado as vozes e rostos das mulheres para colocá-las nas ruas e, assim, cria uma imponente presença feminina em um ambiente em que geralmente elas se sentem desconfortáveis e inseguras. Para ela, “[...] o projeto trata de recuperar o espaço público, reivindicando autoridade sobre nossos corpos e as ruas<sup>21</sup>”.

---

21 “The project is about taking back space in public, reclaiming authority over our bodies and the street.”  
Fonte: <https://www.hachettebookgroup.com/titles/tatyana-fazlalizadeh/stop-telling-women-to-smile/9781580058476/#module-whats-inside>

**Figura 3** – Tatyana Fazlalizadeh em frente a um de seus cartazes, que é um autorretrato: *Stop Telling Women to Smile*



**Fonte:** <http://stoptellingwomentosmile.com/>

Tatyana utiliza muito o discurso das emoções para falar sobre seu trabalho e sobre os problemas sociais que ela visa enfrentar. Em relação aos estereótipos femininos, ela questiona a ideia recorrente de que as mulheres têm de serem acolhedoras, simpáticas e doces:

É esperado das mulheres que tenham um tipo de resposta emocional, de sempre estarem felizes, de sempre serem simpáticas [...]. Muitos sentem que tem direito à emoções e expressões das mulheres, particularmente no espaço público. É comum os homens dizerem a uma mulher para sorrir ou iniciarem uma conversa com uma mulher que não quer conversar. Ela não lhes deve nada<sup>22</sup>.

Aqui podemos recordar o assédio sofrido por Nola, em que ela foi considerada como disponível e receptiva simplesmente por estar caminhando na rua sozinha. O trabalho de Tatyana faz parte de um conjunto de criações no mundo artístico que é inspirado por

---

<sup>22</sup> <http://www.contramare.net/site/pt/stop-telling-women-to-smile-the-art-of-tatyana-fazlalizadeh/>

acontecimentos que envolvem violência. Diferente do caso de Nola, Tatyana diz não ter partido de uma única experiência pessoal, mas, sim, de uma série delas:

As pessoas perguntaram se um momento ou incidente em particular desencadeou esse projeto, e minha resposta sempre foi negativa. Não houve um momento, havia centenas, acumulando ao longo dos anos; o projeto surgiu da imensidão absoluta de assédio nas ruas. Surgiu da exaustão e frustração de anos duradouros de assédio e abuso sexual de homens estranhos. Não, não apenas um momento. Pelo contrário, o simples fato de isso acontecer o tempo todo<sup>23</sup>.

A artista segue no campo das emoções quando menciona a raiva que sente ao ser assediada e como utiliza essa raiva para criar. Segundo ela, esse sentimento foi acumulado ao longo de anos e anos e se transformou em um catalisador para produzir *Stop Telling Women to Smile*: “Quando penso em quão cedo o assédio sexual começou para mim e quão cedo começa para tantas meninas, fico furiosa com a ideia de que, antes que possamos nos definir em nosso próprio corpo, alguém já determinou o que são: objetos sexuais <sup>24</sup>. Transformar a dor em um chamado para ação e mudança requer a emoção da raiva, que dá a interpretação de que esta dor que está sendo experimentada é errada, não deveria estar acontecendo, e algo precisa ser feito a respeito disso (AHMED, 2004, p. 174). Neste sentido, Tatyana declara que os assédios constantes fazem com que ela sinta

[...] raiva ou frustração. Às vezes pode ser assustador, e acho que fazer o trabalho com raiva é bom. Eu sei que algumas pessoas não pensam isso. Mas acho que a raiva é uma emoção legítima e acho que, se você está com raiva de alguma coisa, quer mudá-la. Eu sentia que tinha de fazer algo sobre isso. Então eu vou fazer um pouco de arte e vou colocar na rua. Onde isso acontece comigo - onde o assédio realmente acontece - eu vou colocar nesse ambiente. Inicialmente, foi mais para eu mesma. Para mim foi como: “Eu não gosto disso, vou fazer algo sobre isso para mim mesma. E então, quando você faz algo assim e conta sua própria história, alguém vai se relacionar com ela. Quero dizer, claro que não sou a única mulher que vivencia o assédio na rua. Então, é claro

---

23 “People have asked if one particular moment or incident sparked this project, and my answer has always been no. There was not one moment, there were hundreds, cumulating over the years; the project grew out of the utter enormity of experienced street harassment. It arose from the exhaustion and frustration of enduring years of sexual harassment and abuse from strange men. No, not just one moment. Rather, the simple fact that it happens all of the time.” Fonte: <https://www.hachettebookgroup.com/titles/tatyana-fazlalizadeh/stop-telling-women-to-smile/9781580058476/#module-whats-inside>

24 “When I think about how early sexual harassment began for me, and how early it begins for so many girls, I am infuriated by the idea that before we can define ourselves within our own bodies, someone else has already determined what they are: sexual objects.” Fonte: <https://www.hachettebookgroup.com/titles/tatyana-fazlalizadeh/stop-telling-women-to-smile/9781580058476/#module-whats-inside>



que a resposta seria enorme, porque todas as outras mulheres estavam assim, 'Yeah'<sup>25</sup>!

Dessa maneira, o trabalho da artista parte de um sentimento individual, atinge um público maior por estar localizado no espaço público e dispor da internet como ferramenta de veiculação e acaba por se transformar em algo coletivo. Diversos trabalhos artísticos têm esta qualidade de transcender o individual e amenizar a fronteira entre o "eu" e "os outros", no caso, "as outras". Ahmed (2004, p. 174) justifica que, como:

[...] bell hooks argumenta, nomear a dor pessoal é insuficiente e pode ser um gesto facilmente incorporado às agendas narcisistas da cultura neoliberal e terapêutica. [...] Se a dor realmente move os sujeitos para o feminismo, então o faz precisamente por ler a relação entre afeto e estrutura, ou entre emoção e política, de um modo que desfaz a separação do individual com os outros.<sup>26</sup>

No sentido de realizar trabalhos coletivos com mulheres, envolvendo a produção de arte de rua, no Brasil temos o exemplo da Rede Nami<sup>27</sup>, idealizada pela artista Panmela Castro, nascida em 1981 e natural do Rio de Janeiro. Segundo a descrição do site oficial, "A NAMI é uma rede feminista que usa as artes urbanas para promover o direito das mulheres"<sup>28</sup>. A rede foi registrada como uma ONG em 2012 e tem como mote a luta pelo fim da violência doméstica usando o *graffiti* como um meio de espalhar sua mensagem e fomentar o protagonismo de mulheres nas artes. Elas também realizam atividades educacionais, como oficinas específicas para mulheres negras, chamadas "Afrografiteiras". Panmela caracteriza sua obra como autobiográfica, ela fala de si, mas ao mesmo tempo fala de outras. Segundo ela: "Enquanto mulher, há similaridades de minhas vivências com as de outras mulheres que encontro pela cidade, existe uma

25 "[...] anger or frustration. Sometimes it can be scary, and I think that making work out of anger is good. I know that some people don't think that. But I think that anger is a legitimate emotion and I think if you are angry about something you want to change it. I was like I have to do something about it. So I'm gonna make some art about it and I'm gonna put it in the street. Where it happens to me – where street harassment actually happens – I'm gonna put in that environment. Initially, it was very much so for myself. It was very much just for me like, 'I don't like this, I'm gonna do something about it for myself.' And then as soon as you do something like that, and you tell your own story, someone else is gonna to relate to it. I mean, of course I'm not the only woman who experiences street harassment. So of course the response was going to be huge because every other women was just like, 'Yeah!'". Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=6X5O8I5PFOA&t=2s>

26 As bell hooks argues, naming one's personal pain is insufficient and can easily be incorporated into the narcissistic agendas of neo-liberal and therapeutic culture. [...] If pain does move subjects into feminism, then it does so precisely by *reading* the relation between affect and structure, or between emotion and politics in a way that undoes the separation of the individual from others.

27 Segundo Panmela Castro, o nome "Nami" vem da gíria "Mina" escrita ao contrário.

28 <https://www.redenami.com/quem-somos>

intercessão de histórias e é justo neste ponto que o coletivo se identifica”<sup>29</sup>. A organização surgiu a partir de um acontecimento pessoal na vida de Panmela, que sofreu um caso grave de violência doméstica<sup>30</sup> e seu agressor não foi punido, pois na época não existia a Lei Maria da Penha<sup>31</sup>. Quando a lei foi aprovada, em 2006, a artista começou a promovê-la utilizando o *graffiti* como meio, para assim ajudar outras mulheres que possam estar vivendo a mesma situação.

Em seu trabalho pessoal, Panmela pinta representações de personagens femininas (Fig. 4), geralmente com alguma mensagem escrita para as mulheres, como por exemplo, “Luto como mulher”, “Nem santa, nem puta”, “Meu corpo, minhas regras.” em *graffitis* no Brasil, e “*Women’s rights is human rights*” (Os direitos das mulheres são direitos humanos), nos EUA. Além de suas pinturas, realiza performances relacionadas com a questão de gênero, brincando com os estereótipos considerados femininos, como vestidos longos e a cor rosa<sup>32</sup>, tonalidade muito presente em seu trabalho. Em relação com a fala de Tatyana, Panmela também diz encontrar forças para criar a partir das dificuldades enfrentadas, quando menciona o envolvimento do feminismo em sua obra, comenta:

É no caos que a energia e a vontade transformadora emergem. Dos choques, da sujeira, da tristeza, da revolta, das paixões humanas e tudo mais que se criam os sentimentos capazes de lutar pela mudança. Em um mundo igualitário, não teríamos consciência do problema, uma vez que este não existiria. E é por existir, e nos afrontar todos os dias, que cria-se a motivação para o câmbio<sup>33</sup>.

---

29 <https://www.panoramamercantil.com.br/minhas-pinturas-emergem-de-longas-transformacoes-panmela-castro-fundadora-da-rede-feminista-nami/>

30 Panmela descreve o acontecimento, que ocorreu com seu ex-marido, na casa em que moravam juntos “Ele fechou todas as janelas da casa, para os vizinhos não escutarem, e ligou o som bem alto. Ficou me espancando com chute, com soco, com tudo”, diz. “Depois, fomos dormir na casa da minha sogra, e no dia seguinte ele me levou no médico com a carteirinha do plano de saúde dela, porque se me levasse a um hospital público, seria a minha chance de fugir. Fiquei em cárcere privado durante uma semana.” Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39788408>

31 Segundo sua ementa, esta lei: “Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências.” Fonte: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>

32 Em sua página pessoal no Facebook, Panmela relaciona esta tonalidade com a dor sofrida pelas mulheres, para ela: “A dor que nos une pelo aprisionamento pelo feminino representada pela cor rosa.”

33 <https://www.panoramamercantil.com.br/minhas-pinturas-emergem-de-longas-transformacoes-panmela-castro-fundadora-da-rede-feminista-nami/>

**Figura 4** – Panmela Castro em frente ao seu mural chamado Jardim da Sororidade.



**Fonte:** <https://panmelacastro.carbonmade.com/>

Em relação à violência física que ela sofreu, diversos sentimentos aparecem em sua fala. Como na maioria dos casos do tipo, existe a vergonha da vítima em falar sobre o ocorrido e em ter “permitido” a situação acontecer. Em uma entrevista para a “Revista Trip”<sup>34</sup> no ano de 2012, quando questionada se ela havia sofrido violência doméstica, por trabalhar com o tema, Panmela responde negativamente. Este discurso teve uma guinada de direção, pois a sua experiência pessoal virou exemplo e é recorrente em suas falas como ativista. Em uma palestra para o programa “Repercutindo Histórias – Geração do Amanhã”<sup>35</sup> ela insiste que não é para ter vergonha da violência e que é preciso ter coragem: “Quando isso aconteceu minha mãe falou pra mim que eu tinha que falar pras outras pessoas, que eu não poderia ter vergonha da minha situação. E isso valeu de aprendizado pra minha vida toda. Então quando eu criei esse projeto eu queria que outras mulheres não passassem pela situação que eu passei”. Outro sentimento que aparece em vários momentos e diferentes declarações é o medo:

34 <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/anarkia-boladona>

35 Iniciativa da Rede Globo em parceria com a agência das Nações Unidas para Desenvolvimento.

Quando eu me separei, fiquei um pouco isolada dentro de casa, porque ele me perseguia muito. A forma que encontrei para me ressocializar, me reinserir aí no espaço coletivo, foi através do grafite. Porque eu saía com uns grupos de grafiteiros e me sentia protegida. Sabia que não iria chegar um cara para me bater ali, porque eu estava com os meus colegas pra me defender<sup>36</sup>.

Nesse relato, Panmela se refere ao final do seu casamento em que houve agressão física, mas no vídeo da “Geração do Amanhã” ela conta outro tipo de violência que sofreu com um companheiro diferente. Dez anos após o final do relacionamento dos dois como um casal, o indivíduo vandalizou um *graffiti* de Panmela, pichando o nome dele por cima da pintura. Devido a este acontecimento, ela tem que andar com uma medida protetiva que impede o ex-namorado de chegar perto dela. O medo volta a se fazer presente no discurso de Panmela em um momento muito recente, no final de 2018, após dois *graffitis* seus serem vandalizados (Fig. 5): as pinturas em homenagem a Marielle Franco, vereadora e defensora dos direitos humanos, assassinada em março de 2018, e também a Maria da Penha, sobrevivente de violência doméstica e líder de movimentos de defesa dos direitos das mulheres, cujo nome batiza a lei. As duas mulheres estavam retratadas em um muro no bairro do Catete na cidade do Rio de Janeiro com a técnica do estêncil, um deles inclusive havia sido realizado pela ativista Malala<sup>37</sup>, em sua visita ao Brasil e a Rede Nami. Os dois estênceis foram vandalizados sendo cobertos com tinta preta, sobre esse acontecimento, Panmela declara:

Não vou parar meu trabalho. Eles serão refeitos nem que seja mil vezes, nem que eu durma aqui na frente igual a uma coruja. [...] Vi que o caso é sério depois que amanheceu o segundo pichado hoje. Senti um pouco de medo, porque não sei onde isso pode parar<sup>38</sup>.

O vandalismo às obras de Panmela, como demonstrado, é algo recorrente em sua carreira. O que leva a pensar que, além das emoções relacionadas à identificação e apoio por grande parte das mulheres devido às mensagens feministas de seus murais, existem as emoções relacionadas ao repúdio e ódio, por parte de algumas pessoas (homens, em sua maioria) que se sentem pessoalmente atacadas.

---

36 <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39788408>

37 Malala Yousafzai (1997) é uma ativista paquistanesa pelos direitos humanos, das mulheres e acesso a educação. É a pessoa mais jovem a ter recebido um prêmio Nobel da Paz, na época da premiação tinha 17 anos.

38 <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-12/grafites-de-marielle-e-maria-da-penha-sao-alvo-de-vandalos-no-rio>

0?amp;fbclid=IwAR0lrGzvgv6RhttC29hkYdk2AmWrsViOMIR5mezyrtppMV1cbLIG2Efg\_6s

**Figura 5** – *Graffitis* em homenagem a Malala, Maria da Penha e Marielle Franco feitos por Pammela Castro.



**Fotografia:** Tomaz Silva/Agência Brasil

Em 2017 aconteceu o caso do *graffiti* “Femme Maison” (Fig. 6), pintado na cidade de Sorocaba, em São Paulo. A pintura, que representava rostos femininos e uma alusão a uma vulva, foi completamente apagada por perseguição política e religiosa. Pammela realizou a obra a convite da curadoria de um festival de artes da cidade, mas foi censurada pelo vereador Luís Santos, que também é pastor, e moveu um processo acusando a imagem de envergonhar as mulheres da cidade. Na gravação da 48ª Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Sorocaba<sup>39</sup>, podemos assistir o pastor vereador proferir um pronunciamento de repúdio à obra. Em vários momentos da fala ele assume um tom emocionado, aumentando o tom de voz e apelando para a “vergonha” que as mulheres sorocabanas estavam sentindo com a presença do mural na cidade. Outro vereador, em apoio ao colega, pega o microfone e fala que “o que está colocado lá é uma vergonha para as mulheres! Isso é uma agressão às mulheres!” (o tom de indignação utilizado é contraditório, pois ele realiza a fala com um sorriso no rosto). Luís Santos

<sup>39</sup> Pammela publicou este vídeo em seu site, na página em que faz um compilado de seus trabalhos sobre “Flores Vaginais”: <https://panmelacastro.carbonmade.com/projects/6945312>



continua dizendo que “as mulheres foram agredidas por esta pseudo-arte, esta distorção”, e solicita a imediata remoção da pintura que ele caracteriza como “aberração”, “grosseria”, e “ofensa”. Após decisão judicial, o *graffiti* foi apagado.

**Figura 6** – Panmela Castro: *Femme Maison*. Sorocaba /SP. 2018



Fotografia realizada antes de o graffiti ser apagado. Fonte: <https://panmelacastro.carbonmade.com/>

É interessante nessa cena o fato de que dois homens que afirmam defender a honra das mulheres consideram o desenho de uma vulva algo agressivo, além de falarem pelas mulheres sobre o que elas devem sentir vergonha ou não, em um tom moralista. Em nenhum momento ouvimos alguma mulher da cidade se pronunciar sobre o assunto, mas, pelos depoimentos das artistas já citados neste artigo e das mulheres entrevistadas por elas, o que o público feminino considera agressão e violência costuma ser diferente do que a imagem produzida por Panmela evoca.

Tatyana também sofre retaliações devido à temática de seu trabalho e a sua exposição nas ruas. Ela não chega a relatar casos tão extremos como os de Panmela, mas afirma que:

Sim, com certeza, enfrentei uma reação negativa. Eu sequer acho que o meu trabalho é muito controverso ou de confronto, mas é. Você pensaria que dizer "pare de mandar as mulheres sorrirem" seria encorajador, mas as pessoas ficam realmente perturbadas com isso, os homens da classe trabalhadora em particular, e reagem de maneira negativa. Grande parte do trabalho é desfigurada, rasgada ou desenhada com imagens muito brutas. As pessoas têm fortes reações muitas dessas reações não são positivas. E você sabe, eu estou bem com isso. É ótimo para eu ver que as pessoas estão olhando para este trabalho, estão fazendo algo e estão sendo desafiadas. Isso é bom porque as faz pensar sobre o comportamento delas e desafia-as a mudar seu comportamento<sup>40</sup>.

Assim, as obras que partem de um sentimento de indignação com a violência sofrida pelas das mulheres geram outra espécie de indignação nos espectadores masculinos, que retornam seu descontentamento em uma linguagem violenta para com as artistas e com suas criações, dando continuidade ao ciclo de agressões. Como já vimos anteriormente, o fato de haver a divisão mulher/emocional - homem/racional, facilmente dá legitimidade a outra separação por gênero: mulher/espço privado - homem/espço público. Este tipo de construção social permite que haja pronunciamentos como o dos dois vereadores citados, por exemplo, em que ambos se sentem no direito de protagonizar uma discussão que deveria pertencer às mulheres, e também de definir do que elas devem se envergonhar, no caso, de um desenho de seus genitais expostos no espaço urbano. Segundo Lutz (1990, p. 87):

Como a emoção é construída como relativamente ótica, irracional e antissocial, sua existência justifica a autoridade e legitima a necessidade de controle. Por estar associada com as mulheres, ela justifica a distinção hierárquica entre homens e mulheres. E a lógica cultural que conecta as mulheres com a emoção corresponde e escora as paredes entre as esferas das relações privadas, íntimas (e emocionais) no domínio (ideologicamente) feminino da família, e as relações públicas, formais (e racionais) nas relações de mercado de domínio predominantemente masculino<sup>41</sup>.

---

40 "Yes, for sure, I have faced negative backlash. I don't even think my work is too controversial or confrontational, but it is. You would think that saying 'stop women to smile' would be encouraging, but people get really upset with this, work-men in particular, and react in a negative way. Much of the work is defaced, torn down or drawn on with very crude imagery. People do have strong reactions to it and a lot of these reactions are not positive. And you know, I am ok with that. It's great for me to see that people are looking at this work, they are doing something and they are being challenged. That for me is good because it is making them think about their behavior and it is challenging them to change their behavior." Fonte: <http://ofnotemagazine.org/2015/05/03/talking-back-to-street-harassers-an-interview-with-artist-tatyana-fazlalizadeh/>

41 Because emotion is constructed as relatively optic, irrational, and antisocial, its existence vindicates authority and legitimates the need for control. By association with the female, it vindicates the distinction between and hierarchy of men and women. And the, cultural logic connecting women and emotion corresponds to and shores up the walls between the spheres of private, intimate (and emotional) relations

Desse modo, as mulheres que ousam ocupar o espaço público, por sair do local doméstico que as pertenceria, estão expostas a diversos tipos de violências. As artistas e militantes realizam várias camadas de transgressão: elas não apenas ocupam este espaço, mas reivindicam mudanças no sistema vigente com suas obras, expõe seu corpo físico, sua reputação e, também, seu trabalho. As dificuldades que as mulheres enfrentam ao transitar nas ruas das cidades e circular no meio artístico também dependem de diferentes camadas, como por exemplo, de sua cor. No caso das duas artistas mencionadas, a questão da negritude é algo presente em seus trabalhos e em suas vidas. Mesmo que pertençam a locais geográficos (Estados Unidos da América e Brasil) em que o conceito de raça é entendido e vivido de maneiras diferentes<sup>42</sup>, é possível aproximar suas experiências. Tatyana declara que:

Sou uma artista, e através disso, sempre tive o desejo de falar sobre coisas que têm um impacto sobre mim por meio do meu trabalho. [...] A verdade é: penso em raça e gênero o tempo todo porque estou experienciando o mundo de um jeito que me obriga a encarar isso de frente<sup>43</sup>.

Sempre quis que minha arte refletisse minhas experiências como negra e como mulher. A identidade tem sido uma parte importante do meu trabalho, porque nosso senso de identidade tem consequências muito reais em nossas vidas. Para pessoas negras, queer, trans, pessoas de cor e muitos outros grupos, reivindicar nossa própria identidade é um ato de autodeterminação em uma sociedade que constrói identidades para nós e as anexa a nós como rótulos, como uma

---

in the (ideologically) female domain of the family and public, formal (and rational) relations in the primarily male domain of the marketplace.

42 Nos Estados Unidos da América a *one drop rule* é muito utilizada para definir questões de racialidade, Segundo Christine B. Hickman: "Por gerações, os limites da raça afro-americana foram formados por uma regra, informalmente conhecida como "regra de uma gota", que, em sua definição coloquial, prevê que uma gota de sangue negro torna uma pessoa negra. Nos círculos sociológicos mais formais, a regra é conhecida como uma forma de "hipodescente" e seu significado permanece basicamente o mesmo: qualquer pessoa com um ancestral negro conhecido é considerada negra. Ao longo das gerações, essa regra não apenas moldou inúmeras vidas, criou a raça afro-americana como a conhecemos hoje e definiu não apenas a história dessa raça, mas uma grande parte da história da América" (1997, p. 1163).

"For generations, the boundaries of the African-American race have been formed by a rule, informally known as the "one drop rule," which, in its colloquial definition, provides that one drop of Black blood makes a person Black. In more formal, sociological circles, the rule is known as a form of "hypodescent" and its meaning remains basically the same: anyone with a known Black ancestor is considered Black. Over the generations, this rule has not only shaped countless lives, it has created the African-American race as we know it today, and it has defined not just the history of this race but a large part of the history of America."

43 [https://www.vice.com/pt\\_br/article/8x5zwb/artista-ela-quer-tudo-netflix](https://www.vice.com/pt_br/article/8x5zwb/artista-ela-quer-tudo-netflix)



maneira de nos identificar como diferentes e nos excluir. Mais do que isso, é um ato de sobrevivência<sup>44</sup>.

Atualmente Tatyana está em residência artística *na Commission on Human Rights Public* em Nova Iorque. Para este trabalho, ela está pesquisando e refletindo sobre as experiências de negros, mulheres e pessoas LGBT com racismo e assédio sexualizado e racializado. Ela criou cartões postais com perguntas para estas pessoas, como por exemplo, “Como você experiêcia o racismo em sua vida cotidiana?” e os distribuiu em locais da cidade. A partir das respostas obtidas, serão criados murais para refletir sobre essas histórias. Em outro projeto, chamado *When Women Disrupt* (Fig. 7), ela realizou uma turnê de arte de rua e ativismo em colaboração com a artista Jessica Sabogal e a cineasta Melinda James. Juntas elas viajaram pelos EUA para espalhar peças de arte urbana que desafiam o racismo, o sexismo e a xenofobia. Algumas frases das intervenções criadas por elas são: “Nossa nação não será definida pela branquitude”, “A supremacia branca está me matando” e “O que significa ser branco em uma sociedade que foi criada para beneficiá-lo?”<sup>45</sup>.

---

44 I have always wanted my art to be a reflection of my experiences as a Black person and a woman. Identity has long been an important part of my work because our sense of identity has very real consequences in our lives. For Black people, queer people, trans people, people of color, and many other groups, claiming our own identity is an act of self-determination in a society that constructs identities for us and attaches them to us like labels, as a way to other us. More than that, it’s an act of survival. Fonte: <https://www.hachettebookgroup.com/titles/tatyana-fazlalizadeh/stop-telling-women-to-smile/9781580058476/#module-whats-inside>

45 “Our nation will not be defined by whiteness”, “White supremacy is killing me” e “What does it mean to be a white in a society that was create to beneficiate you?”

**Figura 7** – Tatyana Fazlalizadeh e Jessica Sabogal: *When Women Disrupt*. EUA



**Fonte:** <http://tlynnfaz.com/When-Women-Disrupt>

Como Tatyana, Panmela também traz suas experiências pessoais para falar de racismo. Ela conta uma de suas primeiras lembranças de infância, quando uma colega de escolinha a obrigou a beber água de um bebedouro diferente, que seria para negros. Na época ela não entendeu o que havia acontecido, porque ainda não se entendia como negra, havia sido criada como uma menina branca. A partir do momento em que ela começou a compreender o lugar dessas vivências como preconceito, resolveu dar início as oficinas das Afrografiteiras, programa que visa oferecer ferramentas para que as mulheres negras possam subverter a forma como a mídia as representa. Segundo a pesquisadora interdisciplinar Cláudia Pons Cardoso (2014, p. 978), os estereótipos<sup>46</sup> que

---

46 bell hooks (1995, p. 469) explica a criação desses estereótipos: “Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental. Dentro das hierarquias de sexo/raça/classe dos Estados Unidos as negras sempre estiveram no nível mais baixo. O

inferiorizam as mulheres negras (que podem ser categorizados como a mulata, a mucama e a mãe preta) são amplamente divulgados pelo mundo das artes. Ela argumenta que

As mulheres em sua totalidade são representadas por imagens estereotipadas, porém de formas diferentes. As imagens de controle são criadas para justificar a exploração econômica e garantir a subordinação das mulheres negras, mas, também, para assegurar a manutenção das opressões de gênero e regular a sexualidade das mulheres, sejam negras ou brancas.

Se, para as mulheres brancas, devido à inferiorização da capacidade intelectual do gênero feminino como um todo, o caminho para serem reconhecidas no mundo da criação artística se mostra um percurso com muitas dificuldades, para as mulheres negras os entraves são ainda maiores. Esta situação se reflete também no meio do *graffiti*, que é extremamente masculino, e no intuito de reverter esta situação adversa é que Panmela luta:

Não adianta ter o grafite reconhecido se nem todo mundo pode ser grafiteiro. Eu não posso fazer parte de um movimento onde se exclui totalmente a mulher negra. No site “streetartrio.com” que é um catálogo dos grafiteiros do Rio de Janeiro, em 2015 a gente tinha 700 homens, apenas 30 mulheres e apenas eu de negra. Depois do surgimento do Afrografiteiras esse número aumentou muito<sup>47</sup>.

Ao reconhecerem-se como negras e utilizarem o seu trabalho artístico para desmistificar preconceitos, Panmela e Tatyana fazem parte de um processo social de construção de identidade em que se recusam a se deixar definir pelo outro, e isto traz “[...] a valorização e a recuperação da história e do legado cultural negro, traduzindo um posicionamento político de estar no mundo para exercer o papel de protagonista de um devir histórico comprometido com o enfrentamento do racismo” (CARDOSO, 2014, p. 973). Elas agem por meio do feminismo negro e da potência da raiva que, para Ahmed (2004, p. 175), é uma emoção crucial, que cria a energia necessária para “[...] reagir contra os profundos investimentos sociais e psíquicos no racismo, bem como no sexismo”<sup>48</sup>. Panmela e

---

*status* inferior nessa cultura e reservado aos julgados incapazes de mobilidade social por serem vistos em termos sexistas racistas e classistas como deficientes incompetentes e inferiores.”

47 <https://www.youtube.com/watch?v=5BJqiooSPTw>

48 “[...] react against the deep social and psychic investments in racism as well as sexism.”

Tatyana não ficam presas em seus silêncios e medos, e este é o caminho que a escritora feminista e ativista Audre Lorde<sup>49</sup> insiste que seja trilhado por todas as mulheres:

Ao tomar forçadamente consciência de minha própria mortalidade, do que desejava e queria de minha vida, durasse o que durasse, as prioridades e as omissões brilharam sob uma luz impiedosa, e do que mais me arrependi foi de meus silêncios. O que me dava tanto medo? Questionar e dizer o que pensava podia provocar dor, ou a morte. Mas, todas sofreremos de tantas maneiras todo o tempo, sem que por isso a dor diminua ou desapareça. A morte não é mais do que o silêncio final. E pode chegar rapidamente, agora mesmo, mesmo antes de que eu tenha dito o que precisava dizer. Só havia traído a mim mesma nesses pequenos silêncios, pensando que algum dia ia falar, ou esperando que outras falassem. E comecei a reconhecer uma fonte de poder dentro de mim ao dar-me conta de que não devia ter medo, que a força estava em aprender a ver o medo a partir de outra perspectiva. Eu ia morrer cedo, tivesse falado ou não. Meus silêncios não tinham me protegido. Tampouco protegerá a vocês. Mas cada palavra que tinha dito, cada tentativa que tinha feito de falar as verdades que ainda persigo, me aproximou de outras mulheres, e juntas examinamos as palavras adequadas para o mundo em que acreditamos, nos sobrepondo a nossas diferenças.

## Conclusão

Ao assistir a um seriado, podemos nos identificar com as personagens e entrar em um estado emocional parecido com o delas por estarmos envolvidas com as situações apresentadas nas histórias. Segundo as teorias da Antropologia das Emoções, a emoção é experimentada no corpo e faz parte do relacionamento social, como uma transação entre o eu e o outro (BARBALET, 2002, p. 4). As mulheres que já sofreram assédio nas ruas<sup>50</sup> podem facilmente se identificar e se “emocionar” com a vida de Nola Darling e com as obras que ela, Tatyana Fazlalizadeh e Panmela Castro produzem. Os assuntos abordados pelas artistas urbanas feministas abrangem um número muito grande de mulheres, que se sentem contempladas e representadas. Isso acontece porque as artistas partem de experiências que são específicas desse grupo que é tratado de maneira diferenciada e oprimido desde o momento em que nasce, devido ao seu sexo. Mas, o que fazer com esses sentimentos advindos de situações de violência?

---

49 Apresentação lida no painel sobre Lesbianismo e Literatura, da Associação de Língua Moderna, em Chicago, Illinois, 28 de dezembro de 1977, publicada pela primeira vez em 1978, no volume 6 de *Sinister Wisdom*, revista de feminismo radical.

50 Essas mulheres constituem a grande maioria da população, segundo pesquisa divulgada pela organização internacional de combate à pobreza *ActionAid*, em 2016, 86% das mulheres brasileiras ouvidas sofreram assédio em público em suas cidades. Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-das-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em>

A partir de seus discursos, percebemos que elas usam a raiva como energia, como catalisadora de criação. Para que haja esse movimento de geração de novidade, é necessário que elas se movam do corpo da raiva para um corpo novo, diferente, mesmo que a pele permaneça marcada e machucada (AHMED, 2004, p. 175), e é isto que Tatyana e Panmela fazem. A raiva é usada como criatividade para responder aos fatos que as artistas/ativistas se opõem.

No decorrer do texto percebemos como o mundo das emoções havia sido diretamente relacionado às mulheres, principalmente às mulheres negras, como algo negativo, irracional, incontrollável. Também fomos apresentadas aos meios com os quais os feminismos vêm resignificando estes conceitos, valorizando emoções como a raiva. Neste contexto, os exemplos dos trabalhos das artistas agem como um novo meio de produzir conhecimento. Elas realizam o movimento de transformar a emotividade que foi relegada às mulheres como fraqueza em força, em uma vantagem. A empatia emocional que nos foi ensinada desde crianças como algo natural, pode ser utilizada como uma habilidade de análise política (LUTZ, 2002, p. 110). Ao mesmo tempo, essas artistas valorizam os saberes produzidos por mulheres negras, que sempre foram excluídas do conhecimento hegemônico.

As perguntas que vêm sendo feitas e as respostas dadas pelo conhecimento acadêmico e teórico, em sua maioria, têm sido produzidas justamente pelo grupo que é o beneficiado pelos sistemas de opressões vigentes. É importante lembrar que nada ocorre em abstrato: o conhecimento é instituído por pessoas que pertencem a diferentes grupos sociais. Sendo assim, a questão da Antropologia das Emoções seria fazer novas perguntas, para responder aos interesses dos grupos oprimidos, como Lutz (2002, p. 106) aponta. As artistas mencionadas neste artigo circulam pelas ruas colocando esses novos questionamentos. Elas partem de emoções pessoais e provocam emoções coletivas, gerando incômodo e reflexão em um mundo de verdades estabelecidas que são masculinas e brancas.

## Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- AHMED, Sara. **The Cultural Politics of Emotion**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2004.
- BARBALET, Jack M. Why Emotions are Crucial. In: BARBALET, J.M. (ed.) **Emotions and Sociology**. Oxford: Blackwell, 2002. p 1–9.
- CARDOSO, Cláudia Pons. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 22(3): 320, setembro-dezembro/2014. pp 965 – 986.
- HICKMAN, Christine B. The Devil and the One Drop Rule: Racial Categories, African Americans, and the U.S.Census. **Michigan Law Review**, Vol. 95, No. 5 (Mar., 1997), pp. 1161-1265
- HILL COLLINS, Patricia. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, 31(1): 99-127, 2016.
- HOOKS, bell. Intelectuais negras. **Estudos Feministas**, Florianópolis, Ano 3 segundo semestre, 1995. pp 464 – 478.
- LE BRETON, David. **As paixões ordinárias. Antropologia das Emoções**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LORDE, Audre. A Transformação do Silêncio em Linguagem e Ação. In: **Textos escolhidos de Audre Lorde**. Heretica Difusão Lesbofeminista Independente, s/d.
- \_\_\_\_\_. **Sister outsider**. Berkeley, CA: Crossing Press, 2007 [1984].
- LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, 22(3): 935-952, 2014.
- LUTZ, Catherine. Emotions and feminist theory. In: KASTEN, I.; STEDMAN, G.; ZIMMERMANN, M. **Querelles: Jahrbuch für Frauenforschung**. Band 7: Kulturen der Gefühle in Mittelalter und Früher Neuzeit, 2002.
- LUTZ, Catherine. Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotional control in American Discourse. LUTZ, C.; ABU-LUGHOD, L. **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MCCANN, Hannah (editora). **O livro do feminismo**. Tradução: Ana Rodrigues. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.
- ROSALDO, Michelle Z. Toward an anthropology of self and feeling. In: SHWEDER, R; LE VINE, R. **Essays on mind, self and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- SILVA, Vívian. **As escritoras de grafite de Porto Alegre**: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte. Dissertação.(Mestrado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

WARK, Jayne. **Radical gestures: feminism and performance art in North America, 1970 to 2000.** Montreal & Kingston: McGill-Queen's University Press, 2006.

### Referências online

"#AfroGrafiteiras [Episódio 1: Panmela Castro]" Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5BjqiooSPTw>> Acesso em janeiro de 2019.

"A artista por trás de Ela Quer Tudo" Disponível em: <[https://www.vice.com/pt\\_br/article/8x5zwb/artista-ela-quer-tudo-netflix](https://www.vice.com/pt_br/article/8x5zwb/artista-ela-quer-tudo-netflix)> Acesso em janeiro de 2019.

"Anarkia Boladona" Entrevista por Natacha Cortêz. Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/tpm/anarkia-boladona>> Acesso em janeiro de 2019.

BUENO, Winnie. "A quem serve o mito da agressividade da mulher negra" Disponível em: <<https://medium.com/@winniebueno/a-quem-serve-o-mito-da-agressividade-da-mulher-negra-da59ef1fcb89/>> Acesso em janeiro de 2019.

"Geração do Amanhã: Panmela Castro usa sua arte para empoderar mulheres" Disponível em: <<http://g1.globo.com/como-sera/noticia/2018/01/repercutindo-ideias-panmela-castro.html>> Acesso em janeiro de 2019.

"Lei Maria da Penha - Lei 11340/06 | Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006" Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/95552/lei-maria-da-penha-lei-11340-06>> Acesso em janeiro de 2019.

"Minhas pinturas emergem de longas transformações". Entrevista por Eder Fonseca. Disponível em: <<https://www.panoramamercantil.com.br/minhas-pinturas-emergem-de-longas-transformacoes-panmela-castro-fundadora-da-rede-feminista-nami/>> Acesso em janeiro de 2019.

"New York | Talking Back To Street Harassers: An Interview with Artist Tatyana Fazlalizadeh" Entrevista por Jaimee Swift. Disponível em: <<http://ofnotemagazine.org/2015/05/03/talking-back-to-street-harassers-an-interview-with-artist-tatyana-fazlalizadeh/>> Acesso em janeiro de 2019.

"Panmela Castro" Disponível em: <<https://panmelacastro.carbonmade.com/>> Acesso em janeiro de 2019.

"Pesquisa mostra que 86% das mulheres brasileiras sofreram assédio em público" por Heloisa Cristaldo. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-05/pesquisa-mostra-que-86-das-mulheres-brasileiras-sofreram-assedio-em>> Acesso em janeiro de 2019.

"Pare de Dizer às Mulheres Para Sorrirem!": A Arte de Tatyana Fazlalizadeh "Disponível em: <<http://www.contramare.net/site/pt/stop-telling-women-to-smile-the-art-of-tatyana-fazlalizadeh/>> Acesso em janeiro de 2019.

"Rede Nami" Disponível em: <<https://www.redenami.com/quem-somos/>> Acesso em janeiro de 2019.

"Stop Telling Women to Smile". Disponível em

<<http://stoptellingwomentosmile.com/About>> Acesso em janeiro de 2019.

“Stop Telling Women to Smile Book” Disponível em <<https://www.hachettebookgroup.com/titles/tatyana-fazlalizadeh/stop-telling-women-to-smile/9781580058476/#module-whats-inside>> Acesso em maio de 2020.

“Tatyana Fazlalizadeh, Visual Artist: ‘Stop Telling Women to Smile’” Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6X5O8l5PFOA&t=2s>> Acesso em janeiro de 2019.

“Vítima de violência doméstica usa grafite para informar meninas sobre Lei Maria da Penha” por Renata Mendonça.

Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39788408>> Acesso em janeiro de 2019.

*Recebido: 14.05.2020*

*Aprovado: 27.06.2020*